

desapareceu o significado das cicatrizes de guerra que se confundem completamente com os sinistros da estrada. Mas há vinte anos, nas colónias de África, ainda se admiravam as cicatrizes, e Forza Leal fazia bem em ter no guarda-fato meia dúzia de camisas transparentes. O último homem de qualquer coisa passava, com uma dessas camisas, e sentava-se no terraço ao lado da sua mulher, nesses primeiros dias de África. Mas é preciso entender o que significava para o noivo.

O noivo voltava tarde, fardado, demorava a desfardar-se assobiando no grande quarto de banho, e por fim atingia o terraço já cheio de escuridade e de gente. Pela cidade as luzes acendiam frouxas, como num subúrbio. Os telhados e as varandas emergiam na penumbra esverdeada das árvores ralas onde a lua entrava quando havia lua. Fosse qual fosse o subterfúgio que usasse, o noivo acabava por deixar à vista a preocupação definitiva.

«Estás a ver as casas dos civis?»

«Claro!»

«E pensas que os civis são nossos aliados?»

«Que remédio!»

«Enganas-te — são nossos detractores. Para além de nos invejarem».

«E o que invejam?»

«A nossa independência, a nossa sobriedade, o nosso espírito de corpo, as nossas distinções, até as nossas cicatrizes» — O noivo escorropichava um líquido. «A cicatriz do meu capitão». Acabava aquele copo de refrigerante, pedia outro. «Nunca te falei de como ele ganhou aquela cicatriz? Sim, já te falei, já te disse que foi perto de Caboiana».

Claro que havia contado, mas o noivo tinha várias formas de descrever a mesma versão, porque nunca havia duas versões diferentes. Umhas vezes contudo condensava até ao essencial, outras alargava como se tivesse estado presente, tivesse visto e tivesse participado. Não, o noivo não tinha participado porque tinha sido muito antes do encontro do noivo com Forza Leal. Mas o noivo sabia de tudo, como,

por onde e por que razão. O noivo parecia ter viajado com o capitão, ter sido a roupa, o bafo ou o pensamento do próprio capitão. O noivo sabia que o seu capitão havia sido ferido ao som duma Kalashnikov quando atravessava o charco duma bolanha imensa, perto de Caboiana, três anos atrás, na Guiné. Ele seguia então em homem-primeiro, depois da exaustão duma travessia através dum lodo imenso, literalmente cor de esterco. Um esterco que tinha marés como o mar. Havia sido através dum renque de vegetação também dessa cor que o tiro da Kalashnikov tinha soado. Quando o capitão, então tenente, se tinha virado para se proteger lá na bolanha, já a bala lhe havia atravessado o corpo — o noivo conhecia o instante.

Já o tinha atravessado porque a bala havia entrado no peito do capitão com um furo mínimo, por entre duas costelas da frente, e fora sair entre duas de trás, através duma ferida do tamanho duma mão aberta. Entre a entrada e a saída da bala da Kalashnikov, se tinha jogado, durante vários meses, a vida do capitão. Uma pequena agulha presa a um mostrador ficara a oscilar como uma gadanha de cabo comprido por cima da cabeça dele. O capitão guardava várias fotografias em que aparecia de cara completamente devastada. Ah, se Evita visse as fotografias! Tinha sido durante esse tempo que o Comandante da Região havia mandado lavrar um louvor em que propunha ao tenente exangue o equivalente à medalha mais alta do agraciamento público. Havia razões — não só o capitão tinha avançado pela bolanha em homem-primeiro quando podia não ser, não só porque carregava às costas o transmissor que o radiotelegrafista já não conseguia fazer flutuar, com o peso da lama, como ainda pelo facto de ter dito, antes de tombar, *ai o objectivo, ai o objectivo*. O objectivo fora um paiol escondido entre sarças e palmeiras, do outro lado da maré da bolanha, em Caboiana. Cachos de minúsculas moscas faziam fila para entrar nos olhos dos combatentes, e o tiro atingira-o no momento da suprema coragem. Muitos invejosos — tinha havido invejosos — haviam dito que o Comandante da Região propusera o galardão, numa

tarde em que tinha havido notícia de que a infecção persistente indicava que o tenente Forza não voltaria a ver a quadratura duma parada. E não seria preciso adivinhar muito para se saber que no mesmo dia, à sombra dumas escassas cervejas quentes, vários haviam sonhado alto com a voz do funeral-arma, e o tenente Forza Leal descendo no caixão de chumbo. No entanto, se o Comandante só tinha proposto a condecoração para acalmar as contas do Império com um moribundo que continuava ainda em cima do lençol a dizer *o objectivo, o objectivo*, saíra-lhe o tiro pela culatra, e por certo que havia passado várias noites sem dormir. O corpo do capitão tinha começado a travar uma luta vigorosa com a terra, quando já se ouviam as pazadas, e decorridos seis meses, o pulmão decepado do capitão do noivo realojara-se atrás dos outros órgãos com a velocidade dum espírito. Fora desse modo que ele havia ganho a cicatriz. A cicatriz lilás, que abria no peito, dava a volta ao flanco, para terminar a meio das costas.

Não inventava — praticamente toda a gente do *Stella Maris* sabia, mas o noivo vivia com outra emoção esses factos, por certo contados pelo capitão, em locais onde não havia nada para fazer, nem ver, e restava contar. Não o disse explicitamente, mas era para que visse a cicatriz que íamos à praia defronte da casa de Jaime Forza Leal. Levou-me a ver a cicatriz como se mostra uma paisagem, um recanto, se vai até um miradoiro para tirar um fotografia. «Vês ali?» — disse ele.

Vejo. Pela beira do mar anda o capitão e anda Helena. Helena é uma bela mulher, mas a cicatriz de Forza é mais. Falamos disso, a opinião é do noivo. O noivo pergunta se não tem razão. Dou-lha toda. Contento, pede-me que me imagine alferes, que me imagine soldado, combatente, que me imagine às ordens do capitão. É difícil imaginar. Mas ele pede, tem o cabelo molhado, colado à cabeça, e as patilhas espetam muito, põem-lhe as maçãs do rosto salientes como peras. Não é mais a pessoa com quem fiz namoro, a primeira pessoa com quem me deitei na carruagem do

comboio, atravessando uma planície com lua. Era Primavera, brilhavam uns pedaços de serra ao fundo. Ele viajava com uma pastinha cheia de notas sobre as equações de grau superior. A pastinha escorregou sobre nós, caída da bagageira nos solavancos da carruagem, abriu, espalhou as equações. O noivo suspendeu o impulso que o arremetia sobre o vestido de Evita, na nesga de luar que o pano do janelim fazia entrar. «A pasta?» — disse ele. «Onde está a pasta?» E o noivo havia suspendido, o noivo havia apanhado os papéis um a um, acertado a sequência dos cálculos, fechado a pasta, pedido a Evita que deitasse a cabeça não só sobre o pulôver dele, mas também sobre os cálculos. Evita deitou. «Imagina se eu os perdesse!» — o Luís sopesava, demorava a regressar ao corpo, pensando nessa hipótese remota de se perderem cálculos. Só regressou quando a Lua se punha, já não se via nenhuma falda de serra, era só planície, o comboio apitava estafado, tinha de ser agora porque podia amanhecer, o revisor podia vir. Só então o alvoroço, os beijos, o contrato com a natureza. Lembrava-se de a mão dele, durante o selo com a natureza, se dividir e partilhar entre o cabelo de Evita e a pasta dos cálculos, tactear tanto uma como outra com o mesmo despudor. «Não foge» — tinha-lhe dito. A pasta não fugia, ela era uma ligação, a mais poderosa, ela continha um animal que baliava entre folhas escritas de incógnitas, chamando para o mesmo ponto ignorado do Universo, aquele mesmo ponto para onde o inquieto carneiro baliava nessa madrugada sem sossego. Seus pobres cornos contra uma dimensão que desconhecia. Para aí mesmo íamos nós, e a pasta nos ligava como uma prancha — Agora não é mais ele. Não vale a pena fingir. Como posso apalpar nele a figura que Evita quis? Não és mais a pessoa com quem fiz namoro, e muito mais do que namoro, amor até esgotar, à socapa das imensas velhas que guardavam o pudor da nossa geração com uma faca do tamanho duma catana. Não és mais o mesmo. Ele diz-me exactamente o mesmo. Estamos deitados lado a lado na areia, mas a cicatriz do capitão separa-nos, nesse dia de praia, apesar do fascínio que exerce como coisa der-

radeira. Como um hall se liga a um General, uma banheira se liga a um noivo, nunca se sabe o que desune um casal moço, deitado na areia.

Sim, eles dois eram menos moços, mas mais unidos. Tinham um bote a motor que Forza aproximava da beira. Helena não sabia nadar, mas agitava-se na água e acenava quando o via. Ele vinha em direcção a ela, ela avançava até atingir a água pelo nível dos ombros, e ele em cima do bote. Roncava o bote, era como se a viesse buscar, e depois passava em tangente e atingia o largo. Ficava de costas. Ela gritava — «Jaime, Jaime, estou aqui!» De novo ele fazia a curva, traçava a tangente, ela saltava, uma onda pequena bastava para a engolir, ela de braços esticados, gritando aqui, aqui, ele se ia de novo, o motor resfolegava na água a uns metros. Não chegava a fazê-la entrar. Regressava no bote, chamava-a para ela puxar o bote. Ela corria à beira, empurrava o bote para fora, saltava e compunha o cabelo, como se naquela simulação de vai não vai no pequeno barco existisse um divertimento exaltante. Era uma bela mulher, despida lembrava um pombo, como outras lembram uma rã e outras uma baleia. Não era só a voz que lembrava um pombo, a chamar pelo barco, mas era também a perna, o seio, alguma coisa estava espalhada por ela que pertencia à família das columbinas. Talvez o cabelo vermelho, talvez a pele leitosa. Os dois, ele e ela triunfantes, entendidos. A união deles era um triunfo. Ele com o bote, com ela e com a praia junto à casa, a cicatriz, era a perfeição do triunfo na vida. Essa sensação, por mais ingredientes desusados que tivesse, era tão forte que se transmitia a todos os elementos circundantes. A areia onde estávamos deitados até ela mesma seria uma emanção desse triunfo se o noivo não estivesse nostálgico vendo aquela alegria. Talvez Evita fosse injusta e o noivo mantivesse a mesma sede de resolução das coisas inextrincáveis, como antigamente tinha com as várias incógnitas e com o cálculo infinitesimal. Para quem tem a sede de infinito, é possível que tanto se comova com a dispersão das galáxias

como com a rigidez do mármore. Helena deveria despertar no noivo, com aquela voz de pomba, a imagem do feminino absoluto, e daí até ao amuo com a sua realidade onde estava eu, Evita, ia um passo — disse Eva Lopo. O noivo não ria nem para mim nem para o mar, só conseguia rir para o capitão. O noivo pegou no bote, amarrou o bote, ficámos na praia amarrando tudo isso, para que eles pudessem ir sós até à entrada de casa. Ele adiante com a toalha ao ombro, em grandes passadas, ela mais atrás, com um saco. Ela sentou-se na areia para calçar as sandálias, ele já ia no alto dum pequeno morro. Virou-se, assobiou por ela com o tal assobio tremido, de ordem e chamamento. Ela pegou no saco e correu, escorregando e caindo. Aproximou-se da estrada e dele também. A união deles não se revestia do modelo que Evita havia colhido nas salas de cinema de Lisboa com imensa fita francesa, com caisais cheios de distúrbio, e no entanto, surpreendentemente, Helena e Forza tinham uma alegria doméstica triunfante, tudo neles triunfava como um arco erigido à porta duma casa. Entraram pela portinha de ferro, os mainatos vieram, Helena acenou da porta com o cabelo molhado, a fieira dos dentes luziu e pareceu, na atmosfera do meio-dia, um reclame ao elixir estival da felicidade. Entraram na porta de casa, fecharam-na, no ar havia harmonia — como um pêndulo bom vai, vem, promete. Lembro-me.

Prefere a harmonia? Eu também, é por isso que tanto estimo a paz que se respira na noite d'*Os Gafanhotos*. Em relação ao que estava dizendo, aqui a tem — Nessa tarde mesmo encontrámo-nos na Marisqueira. Até aí só nos tínhamos visto e agido em comum, mas ainda não tínhamos falado. O capitão levava a camisa mais transparente que sempre lhe vi. Também o noivo e o capitão se entendiam perfeitamente no acto de escolher os mariscos. A Marisqueira àquela hora abarrotava de gente que falava e ria, e para se passar por entre as mesas era preciso encolher a barriga sob o perigo de se espalharem as cascas. Helena sentou-se na minha frente, mas era difícil entabular uma